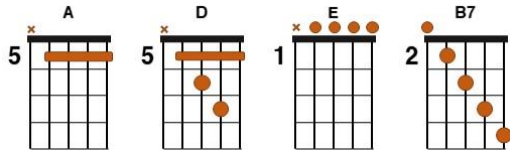




Sítio do Angelim

Pai João

Zé Carreiro e Tião Carreiro



.A. .D. .E. .A.
Caminheiro quem passar naquela estrada
.D. .E. .A.
Vê uma cruz abandonada como quem vai pro sertão
.D. .E. .A.
Há muitos anos neste chão foi sepultado um preto véio
.B7. .E. .A.
E herado por nome de Pai João

.A. .D. .E. .A. .D. .E. .A.
Pai João na fazenda dos coqueiros foi destemido carreiro
.E. .A. .D. .E. .A.
Querido do seu patrão sua boiada ausilante e rubrioso
.B7. .E. .A.
No morro mais perigoso arrastava o carretão

.A. .D. .E. .A. .D. .E. .A.
Numa tarde Pai João não esperava que a morte lhe rondava
.E. .A. .D. .E. .A.
Lá na curva do areião e de uma queda em baixo do carro caiu
.B7. .E. .A.
Do mundo se despediu preto véio Pai João

.A. .D. .E. .A. .D. .E. .A.
Caminheiro aquela cruz no caminho já contei tudo certinho
.E. .A. .D. .E. .A.
A história de Pai João, resta saudade daquele tempo que foi
.B7. .E. .A.
O velho carro de boi no fundo do mangueirão